

CADERNO DE RESUMOS



I SIMPÓSIO DE LITERATURA

NEGRA IBERO-AMERICANA

17 a 20 de novembro de 2014



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior

**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná



Ficha técnica

ISBN:

Conselho Científico:

Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves/UFJF

Dr. Anelito de Oliveira/UNIMONTES

Dra. Conceição Evaristo/UFMG

Dr. Eduardo de Assis Duarte/UFMG

Dr. Edimilson Pereira de Almeida/UFJF

Dra. Heloisa Toller Gomes/UERJ/PACC

Dra. Leda Maria Martins/UFMG

Dra. Mail Marques de Azevedo/UFPR

Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca/PUCMINAS

Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado/UFPR

**PROGRAMAÇÃO DO I SIMPÓSIO DE
LITERATURA NEGRA IBERO-
AMERICANA**

17/11/2014: REGISTRO DOS PARTICIPANTES: 8:30/9:00 – SAGUÃO DO TÉRREO DO E.D. PEDRO I/Reitoria, Rua General Carneiro, 460, -Centro. Curitiba

MANHÃ: 9:00/11:30 –SALA: 1005B

- 9:00: Abertura do I Simpósio de Literatura Negra Ibero-americana: Rodrigo Tadeu Gonçalves/ Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR e Rodrigo Vasconcelos Machado/Coordenador do Simpósio

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES I – 9:15/11:30 SALA: 1005B

Rodrigo Vasconcelos Machado/UFPR: *A episteme alterna do Muntú de Manuel Zapata Olivella.*

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves/UFJF: *Nina, Shirley, Cristina Mulheres negras da Nossa América*

Odete Pereira da Silva MENON/UFPR-CNPQ: *Existe / existiu uma língua de negro?*

Débora Soares de Araújo/UFPR: *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome - a força poética de Stela do Patrocínio.*

Diana Almeida Lourenço/UFPR: *O papel da mulher negra na literatura: Maria Firmina dos Reis.*

Valéria Câmara da Silva/ Grupo de Pesquisa *As poéticas Afro-latinas/CNPQ: Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta: Mulheres Destemidas e Batalhadoras do século XIX*

Eliane Terezinha Piccolotto/ Grupo de Pesquisa *As poéticas Afro-latinas/CNPQ: Transculturação e afrocubanismo de Fernando Ortiz*
TARDE: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES II -14:00/16:00 – SALA: 1005B

José Robson Custódio/UFPR: *O caçador Erinlé: a marcação da realidade nos contos infantis africanos e afro-brasileiros*

Ciomara Breder Kremsper/UFJF: *O entrelugar no discurso de Paula Tavares*

José Luís Bubniak/UNESPAR: *A relação negro/violência na ficção de Cuti*

Liliam Ramos da Silva/UFRGS: *Vozes Negras no Romance Hispano-americano*

OFICINA: MÍDIA E DIVERSIDADE ÉTNICA - ministrante: Andréa Rosendo da Silva/UFPR - **16:00/18:30 –SALA: 1005B**

NOITE: CONFERÊNCIA -19:15/21:30 – “TEATRO NEGRO NO BRASIL: UMA CENA EM SOMBRAS” - Profa. Dra. Leda Maria Martins/UFMG – LOCAL: ANFITEATRO 100 – 1º andar

18/11/2014

MANHÃ: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES III - 9:00/11:30– SALA: 1005B

João Arthur Pugsley Grahl/UFPR: *Jacques Roumain, Poesia (haitiana) como Arma*

Patrick Fernandes Rezende Ribeiro/UNICAMP: *Nicolás imaginando o negro.*

Igar Pyjau/UFPR: *Poeta de sua raça: Jorge Artel*

Thiago Lisarte/UFPR: *Literatura afrouruguaia? Uma introdução ao tema.*

Gabrielle Cristine Mendes/UFPR: *Poesia negra e tradição: análise dos poemas dos cadernos negros*

-TARDE: CONFERÊNCIA: 15:30/18:00: “O NEGRO NA CENA LITERÁRIA BRASILEIRA AFRO-BRASILEIRA.” - Profa. Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca/PUCMINAS – SALA 1005B

-NOITE: CONFERÊNCIA: 19:15/21:30 – “HIBRIDAÇÕES ORIGINÁRIAS: A PRODUTIVIDADE SOCIOCULTURAL DO ESPAÇO IBÉRICO NO SÉCULO XXI” -Prof. Dr. Anelito de Oliveira/UNIMONTES – SALA HOMERO DE BARROS - R. General Carneiro, 460, primeiro andar, Edifício D. Pedro I.

19/11/2014

MANHÃ: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES IV - 9:00/11:30– SALA: 1005B 5

Claudecir de Oliveira Rocha/UFPR: *O erotismo de Laura Santos*

Anelise de Freitas/UFJF: *Crioulização e a construção do feminino em Antônio Olinto*

Bruna Fernandes Cunha/UFPR: *Estética e militância na literatura afro-brasileira: uma leitura de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo e as recordações do escrívão Isaías Caminha, de Lima Barreto*

Phelipe de Lima Cerdeira/UFPR: *Do mito branco à verdade negra: a presença do negro como agente da história argentina ganha destaque no romance histórico Como vivido cien veces.*

NOITE: CONFERÊNCIA 19:15/21:30 – “CULTURA AFRODESCENDENTE, ONTEM E HOJE: NOVAS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS À LUZ DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS”- Profa. Dra. Heloisa Toller Gomes/UERJ – PACC/UFRJ. LOCAL: SALA HOMERO DE BARROS - R. General Carneiro, 460, primeiro andar, Edifício D. Pedro I.

20/11/2014

MANHÃ: SESSÃO DE COMUNICAÇÕES V – 9:00/11:30 – SALA: 1005B

Natã do Espírito Santos/UFPR: *El gobernador negro e as marcas da formação nacional do Equador em tempos de escravatura.*

Elair de Macedo e Silva Grassani/UFPR: *Literatura Negra Brasileira: para muito além de uma questão de pele*
Bruna Dancini Godk/UFPR: *Irmão Miguel: a representação do negro na literatura indigenista*

Jules Ventura Silva/UFPR: *Isaías Caminha e a Túnica de Nessus da Sociedade: ensaio sobre a crise de consciência de um anti-herói mulato*

Priscila Lira/UFPR: *Orixás, de Verger: A Imagem da Cultura*

-NOITE: CONFERÊNCIA 19:15/21:30 – “RELAÇÕES COLONIAIS ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA: DO ATLÂNTICO NEGRO AO ATLÂNTICO PARDO” -Profa. Dra. Mail Marques de Azevedo/UFPR: Local: Anfiteatro 100

RESUMOS

Nina, Shirley, Cristina
Mulheres negras da Nossa América

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves/UFJF

Neste trabalho me proponho a pensar possíveis aspectos comuns da escrita feminina afrodescendente na América Latina e a estabelecer relações com o legado histórico da diáspora. Para tal, baseio-me na poesia de Nina Silva, do Brasil; de Cristina Cabral, do Uruguai; e de Shirley Campbell, da Costa Rica. Concentro-me na característica que considero mais relevante para este estudo, a saber, a auto-percepção.

Crioulização e a construção do feminino em Antônio Olinto

Anelise de Freitas/UFJF

O continente africano no reserva e guia por um manancial de possibilidades culturais, manejadas pela tradição oral e também por outros povos que desejaram também assumir como essa matriz cultural perpassa outras igualmente ricas. A partir de minha participação como bolsista na pesquisa “Negociações identitárias da diáspora africana brasileira na trilogia "Alma da África", de Antônio Olinto”, proposta em 2013 pela professora Doutora Enilce do Carmo Albergaria Rocha, bem como dos encontros quinzenais do “Núcleo de Estudos e Pesquisa Além do Mar: histórias comparadas”, coordenado, igualmente, pela Profa., elaboramos o projeto de discussão do conceito de crioulização na referida obra de Antônio Olinto tendo como foco a construção da presença feminina nas culturas de matrizes africanas. O trabalho objetiva analisar e compreender em que medida a crioulização, proposta por Édouard Glissant em “Introdução a uma poética da diversidade” (2005), influencia na construção e importância do feminino na obra narrada sob a ótica dos ex-escravos regressados à África Ocidental. A trilogia é encabeçada por três mulheres diferentes que, de certa maneira, criam uma circularidade e mostram a construção desse feminino dentro da tradição que se criouliza rizomaticamente. Assim como sua representação (papel social), de fundamental importância para a construção desse gênero em solo africano.

Hibridações originárias: a produtividade sociocultural do espaço ibérico no século XXI

Anelito de Oliveira/UNIMONTES

A reabertura necessária da problematização da cultura brasileira, tema praticamente esquecido desde meados dos anos 1990, não pode se dar de modo produtivo sem um retorno à origem ibérica, ao espaço a partir do qual se disseminou essa cultura, responsável, portanto, por seus traços estruturantes. As hibridações (Canclini) que se deram nesse espaço – tanto real quanto possível, nos termos de Bourdieu -, sobretudo entre elementos africanos e europeus, exigem elucidação para que a questão cultural possa ser abordada a partir de um viés territorial, em suas relações práticas com a produção de sentidos sociais, para quem, portanto, do viés filosófico, iluminista, utilitário. O espaço ibérico, pensado a partir da perspectiva da história material (Marx, Benjamin, Williams) não é uma questão encerrada no passado, mas uma dimensão crítica do presente, um “aberto” (Heidegger, Agamben), uma realidade arruinada cuja compreensão é fundamental para a operacionalização, em chave sociocultural, da barroquidade latino-americana em geral e brasileira, em especial. A conferência se baseia em pesquisa de Posdoc realizada na Unicamp entre 2011 e 2014, apoiada pela Fapesp, com visitas técnicas às Universidades de Lisboa, Porto, Nova de Lisboa, Salamanca e Braga com a finalidade específica de problematizar o iberismo e sua relação com o Barroco.

Irmão Miguel: a representação do negro na literatura indigenista

Bruna Dancini Godk/UFPR

Quando o conceito de transculturação na América Latina está em discussão, o nome de José María Arguedas se faz muito presente. O antropólogo e escritor retrata em sua obra a complexidade da sociedade andina. Todavia, grande parte da crítica à literatura ibero-americana acaba tendo focos muito específicos, separando a influência indígena, a negra, a branca. No entanto, a transculturação não se dá somente na relação entre indígena e europeus, negros e europeus. A via também se manifesta nos entrecruzamentos, o mestiço, o negro e o indígena, e tantos outros desdobramentos.. Pretendemos, dessa forma, analisar a obra “Los Rios Profundos” (1977), com foco na relação entre o negro e o mestiço. Essa obra traz o ponto de vista de uma criança mestiça. A partir desse ponto de vista privilegiado, enquanto próprio cerne da

transculturação, podemos observar como se dão as relações com outras etnias. O foco de análise será um episódio de Irmão Miguel, um padre negro e professor da escola na qual o enredo se desenvolve, em sua maior parte. No episódio escolhido, o padre sofre um atentado de um aluno também mestiço. A partir desse episódio, desenvolve-se a visão dúbia do negro nessa sociedade e os preconceitos e parcialidades que se desenvolvem a partir disso. Para desenvolvermos tal análise, o aporte teórico de Rama (1984) e Berndt (1987) serão essenciais.

Estética e militância na literatura afro-brasileira: uma leitura de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo e as recordações do escritor Isaias Caminha, de Lima Barreto

Bruna Fernandes Cunha/UFPR

O presente trabalho tem como objetivo examinar de que modo os romances *As recordações do escritor Isaias Caminha*, de Lima Barreto e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, representam, cada um a seu modo, as questões raciais brasileiras. Serão consideradas as reflexões sobre o conceito de literatura afro-brasileira de Eduardo Duarte de Assis, segundo o qual, “especialmente nas grandes obras, o fator de arte prevalece, a fim de estabelecer a comunicação, despertar e cativar a atenção do leitor, espécie de ponto de partida – e de chegada – do circuito que vai da fruição à empatia e que termina por distinguir a literatura do panfleto” (2008, p.19). Assim, serão observadas as estratégias textuais desenvolvidas nestas narrativas que permitem considerá-las como obras que não se limitam a literatura panfletária, ainda que claramente apresentem cunho ideológico. Compreende-se aqui que a literatura que deseje contribuir para uma transformação social necessita inquietar e sensibilizar o leitor através da linguagem, para que a partir disso ele possa conscientizar-se e transformar o meio em que vive. Deste modo, se buscará delinear em que medida desenvolvem-se em tais obras procedimentos narrativos que trazem um novo olhar sobre o afrodescendente, apresentando-os como sujeitos ativos e complexos, capazes de reinterpretar a marginalização que lhes é imposta socialmente.

O entrelugar no discurso de Paula Tavares

Ciomara Breder Kremsper/UFJF

O objetivo deste trabalho é entender como se dá o processo de construção do entrelugar no discurso da angolana Paula Tavares. Ana Paula Tavares, nascida na Huíla, região do sul de Angola, em 1952, reside atualmente em Lisboa, onde é professora e pesquisadora da História e da Literatura de seu país. A escritora participa ainda que à distância do processo de construção e reconstrução histórica de seu país, independente de Portugal em 1975. Observa-se, nesta pesquisa, que o discurso de Tavares é marca de hibridismo, que se efetiva como uma tradução cultural e é instrumento de formação de identidade(s) própria(s) e nacional(is). É visto ainda que essa escrita se consagra como locus privilegiado da enunciação feminina. Para embasar este estudo adotam-se os pensamentos de alguns teóricos, como Stuart Hall; Homi K. Bhabha; Lynn Mario T. M. de Souza; Silviano Santiago, Laura C. Padilha, Constância L. Duarte e Leila L. Hernandez e outros.

O Erotismo de Laura Santos

Claudecir de Oliveira Rocha/UFPR

Conhecida por alguns como a “pérola negra”, Laura Santos, nascida em 1919, foi, talvez, a única poetisa negra de Curitiba dos anos 50. Dona de uma linguagem sensível conseguiu transportar toda uma carga erótica para sua poesia, elucidando o corpo como objeto da sua própria linguagem. Influenciada pela estética parnasosimbolista, principalmente por Olavo Bilac, criou toda uma poética diferenciada, com traços biográficos, cheio de imagens eróticas que “são uma espécie metáfora da sua relação básica com o mundo, relação que se traduz enquanto impossibilidade de amar, de viver plenamente, de ser feliz”, como constata a professora Rose Marye Bernardi. Independente, personalidade forte e a frente do seu tempo queria participar da 2ª guerra Mundial como enfermeira da Cruz Vermelha, sonho que não conseguiu realizar. Amiga de Helena Kolody, foi uma das fundadoras da Academia José de Alencar, escreveu para a Gazeta do Povo e o Diário da Tarde e trabalhou como educadora sanitária até sua aposentadoria. Publicou 3 pequenos livros em 1953: Sangue Tropical; Poemas da Noite; Desejo. Morreu em 1981, totalmente ignorada pela imprensa local. Deixou a impressão

de ter sido uma mulher batalhadora, que não reclamou de discriminação, nem da sua situação econômica porque não se conformou com o determinismo social. Transformou suas perspectivas e desejos em poesias, nas quais também não se restringiu a defesa racial ou do feminismo, mas que revelam através de uma linguagem simples e cotidiana o próprio corpo refletem as suas angústias, os seus medos, as suas inquietações e a sua busca pela felicidade.

Reino dos bichos e dos animais é o meu nome - a força poética de Stela do Patrocínio.

Débora Soares de Araújo /UFPR

A poesia de Stela do Patrocínio (1941-1997) se apresenta, dentro da literatura brasileira, como um dos mais densos marcos. Stela, com sua força poética desconcertante, põe em evidência questões muito delicadas, especialmente se pensarmos na uniformidade de representações que dão corpo ao sistema literário nacional. Poeta negra que viveu internada em um manicômio por mais de trinta anos, e cujos poemas ganharam edição a partir de um longo trabalho coletivo encabeçado por Viviane Mosé (**O reino dos bichos e dos animais é o meu nome - Azougue, 2009**), Stela encarna um ponto de inflexão entre as fronteiras da razão e da loucura, da ciência e da arte, da civilização e da barbárie, do relato e da criação, do oral e do escrito. Pensando nessas especificidades e em sua amplitude (e as seguindo), este trabalho tem, pois, o objetivo de explorar a poesia de Stela do Patrocínio, buscando apresentá-la e relacioná-la a aspectos e temas caros à sua própria feitura e aos estudos de revisão crítica da literatura brasileira.

O papel da mulher negra na literatura: Maria Firmina dos Reis.

Diana Almeida Lourenço/UFPR

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora brasileira do século XIX, que ousou fazer uma literatura abolicionista em tempos de escravidão no Brasil. Diferentemente dos escritores da época as narrativas de Reis trazem uma nova perspectiva, um novo lugar de enunciação - a visão do próprio escravo, ou seja, uma literatura que dá voz aos excluídos e que mostra os problemas do sistema escravocrata sob um ponto de vista pouco explorado. O objetivo do nosso trabalho será comentar a obra dessa escritora pouco conhecida da nossa literatura e através de sua obra fazer uma análise do papel da mulher negra na literatura brasileira. Através da análise do conto *A escrava* (1887) de Reis, analisaremos questões como o lugar da mulher negra na sociedade, tanto nos tempos de escravidão como nos dias de hoje, e principalmente o a maternidade negra e a afrodescendência tema central desse conto. Reis, com sua obra, deu ao negro a configuração até então negada: a de ser humano, portador de sentimentos, memória e alma. Não coisas obsoletas, como a ideologia dos escravocratas os faziam acreditar, sempre subestimando a capacidade da raça africana. É aí que se concentra seu grande mérito e originalidade. Reis, pautada no ponto de vista do outro, coloca como linha norteadora de suas narrativas a questão do escravo, denuncia as vozes legitimadoras da escravidão, e acima de tudo, aponta o lugar obscuro que cercava a mulher negra no contexto cultural e político do Brasil oitocentista.

Transculturização e afrocubanismo de Fernando Ortiz

Eliane Terezinha Piccolotto/ Grupo *As poéticas Afro-latinas*-CNPQ

Fernando Ortiz foi um dos criadores do movimento afro-cubano na década de 1920. Este movimento surgiu para que os intelectuais cubanos desta época em sua maioria de origem europeia pudessem aceitar abertamente o significado do africano na origem cubana. Estudioso das raízes histórico-culturais afros cubanas escreveu vários livros com este tema, por sua parte investigativa é considerado o terceiro descobridor de Cuba depois de Cristóvão Colombo e Alejandro de Humboldt. Realizou uma grande

contribuição com o conceito de transculturação para a antropologia cultural. Representante do antirracismo em Cuba, sempre esteve na defesa da causa dos negros. Inseriu o processo de transculturação em sua obra **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**, o qual faremos uma análise sobre a importância da cultura do negro inserido neste contexto, bem como, sua identidade. Estabeleceremos um sucinto e importante relato sobre o preconceito racial e religioso no livro, **Travesía y trata negrera** onde Fernando Ortiz denuncia como os escravos eram trazidos da África, seu tratamento indigno e sua incansável luta pela liberdade.

Literatura Negra Brasileira: para muito além de uma questão de pele

Elair de Macedo e Silva Grassani/ Grupo *As poéticas Afro-latinas*-CNPQ

Este trabalho tem como foco a Literatura Negra no atual contexto literário brasileiro e visa à discussão de critérios e elementos que corroboram para a sua caracterização e consequente conceituação. Trata-se, pois, de um estudo que evoca uma *episteme alterna* – distinta da que subjaz ao cânone literário nacional, que tem como paradigma a produção europeia – capaz de comportar diferentes tradições sapienciais da humanidade, como as de matriz africana, e de legitimar as especificidades dessa vertente literária que ao adjetivar-se "negra" denota um processo de luta não apenas terminológica, mas ideológica, materializada sob a forma de mobilizações, manifestações e de conquistas nos campos político, religioso, cultural e educacional (neste último, um exemplo é a lei nº 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras). Objetiva-se com isso revelar a existência de um sujeito enunciativo do discurso que reivindica uma identidade e alteridade negra; reivindicação esta que não se atrela a uma simples questão epidérmica, mas sim a características textuais, marcas de enunciação muito próprias que evidenciam a presença de uma escritura, de uma autoria, de uma voz que, conquanto sussurrante, aponta a urgente necessidade de se visibilizar um Brasil que se quer, se diz e se escreve negro também no campo da literatura, em prosa e verso.

Poesia negra e tradição: análise dos poemas dos *Cadernos Negros*

Gabrielle Cristine Mendes/UFPR

Esse trabalho tem por objetivo analisar alguns poemas selecionados da coletânea “Cadernos Negros: os melhores poemas” e investigar, a partir dos temas abordados na obra, se é possível dizer que há uma busca pela criação da tradição literária negra ou apenas uma inserção no rol literário nacional. A tradicional revista constitui um anuário que conta com a contribuição de textos e poemas de autores engajados com a causa negra desde 1978 e que, no ano de 2008, selecionou os melhores poemas desde sua criação para publicar a coletânea em questão. Diante disso, foram selecionados os autores Celinha, Éle Semog e Jamu Minka por representarem de maneira mais clara a discussão proposta a respeito de uma tradição literária negra. Percebe-se, durante a análise, que as temáticas dos poemas negros ressaltam, quase sempre, temas semelhantes, enfatizando a identidade e a cultura negras, possivelmente, como formas de diferenciação e ampliação do espaço de sua literatura. Por fim, para fundamentar a análise e suscitar questionamentos a respeito do tema há o subsídio dos autores Stuart Hall e Paul Gilroy que discutem a posição da comunidade afrodescendente na pós-modernidade bem como suas manifestações culturais. Além disso, Leyla Perrone-Moysés contribuirá para arrematar a discussão ao tratar da estratificação dos estudos literários.

Cultura afrodescendente, ontem e hoje:

Novas possibilidades interpretativas à luz dos Estudos Pós-Coloniais

Heloisa Toller Gomes/UERJ- PACC/UFRJ

A força da vertente africana na formação populacional do Brasil tem sido reconhecida desde os tempos do escravismo colonial. Prevaleceu secularmente, porém, uma deliberada ‘invisibilidade’ em relação à produção cultural do negro escravizado e seus descendentes. Tal produção foi desqualificada sistematicamente pela sociedade hegemônica como sendo primitivismo, atraso ou superstição. Somente a partir da

primeira metade do século XX, com o desenvolvimento das ciências sociais, a cultura afro-brasileira passou a ser levada em consideração – e mesmo assim com graves relutâncias por parte do pensamento eurocêntrico predominante. Apesar de todas as restrições e preconceitos sofridos, os afro-brasileiros fizeram ouvir a sua voz em todo esse dramático percurso – por vezes ostensivamente, por vezes através de estratégias de camuflagem que significavam resistência e vitalidade. Atualmente, o advento de uma crítica comparatista e transdisciplinar (em que se destacam os Estudos Pós-Coloniais) tem captado a riqueza das manifestações afrodescendentes em fenômenos discursivos de diversas ordens: da literatura à culinária, da religiosidade a variadas formas de musicalidade. Pretendo, enfatizando aqui a expressão literária, discutir a presença do negro na sociedade brasileira da época escravista aos dias de hoje, quando se dispõe, academicamente, de aportes críticos mais abrangentes, aptos a problematizar com maior acuidade interpretativa questões identitárias e de inclusão/exclusão sociocultural.

Poeta de sua raça: Jorge Artel

Igar Pyjau/UFPR

Em seu livro de poesias **Tambores en la noche**, poeta colombiano Jorge Artel (1909-1994) determina a africanidade como tema principal de sua poesia. Considerado o herdeiro direto do célebre poeta afrocolombiano Candelário Obeso (1849-1884), Jorge Artel destaca-se por ter conseguido sair da mera descrição do afrodescendente: seu cotidiano, seus hábitos culturais e seu dialeto – e desenvolver o conceito da identidade étnica ou, pelo menos, a busca desta. A argumentação do poeta a favor da escolha temática indicada desdobra-se em dois planos: o de tempo e o de espaço. Jorge Artel invoca o passado de seus ancestrais: tanto o da escravidão, quanto o anterior a esta – é justamente no segundo que existiu a identidade africana conforme cada tribo. A escravidão, na opinião do poeta, apresentou a desintegração cultural e étnica para os africanos trazidos às Américas. No que diz respeito ao espaço, Jorge Artel, apesar de sua origem caribenha, não se limita à região nativa. Chamam sua atenção a história e a condição dos afrodescendentes na América inteira: o Brasil, a Argentina etcétera. O foco do estudo subsequente procurará analisar a estratégia do poeta na tentativa de reintegrar a identidade dos afrodescendentes aqui no solo americano.

Jacques Roumain, Poesia (haitiana) como Arma

João Arthur Pugsley Grahl/UFPR

Em seu livro "Bois d'Ebène", "Madeira de Ébano", Jacques Roumain desenvolve uma poética virulenta, mostrando que o ódio pode servir de matéria-prima de impacto ao mesmo tempo em que coloca em prática preceitos estabelecidos em seu ensaio: "A Poesia como Arma". Roumain viveu em uma época singular no Haiti, na qual o país era uma espécie de colônia dos Estados Unidos, que ocupou o país por 19 anos, para garantir os interesses corporativos americanos, provocando a revolta de jovens da elite política e econômica da época, dentre os quais Roumain, que se engajaria no Partido Comunista. Neste trabalho procurarei mostrar que, à luz de "A poesia como arma", compreende-se não só a poética de "Madeira de Ébano", mas a de todo poema que evoca revolta contra toda forma de opressão. Bois d'Ébène é uma antologia de quatro poemas, publicada após a morte do autor. Da antologia fazem parte os poemas: Madeira de Ébano (Bois d'Ébène), L'Amour La Mort (O amor a morte), Novo sermão negro (Nouveau Sermon Nègre) e Negros Sujos (Sales Nègres). Uma tradução inédita destes poemas para o português será proposta colocando em evidência os problemas encontrados além de discutir a temática de Roumain em todos eles.

A relação negro/violência na ficção de Cuti

José Luís Bubniak/UNESPAR

A violência é parte constitutiva da história da humanidade, e obviamente, da história do Brasil, desde o período de colonização até o instante em que vivemos. Na literatura, a violência é um tema constante, talvez um dos mais presentes nas mais diversas épocas. Na obra de Cuti (Luiz Silva), um dos nomes mais expressivos da literatura negra no Brasil, a violência é explorada através de sua relação com o negro. Aparece a violência policial, da sociedade em geral, a violência do negro como reação ou resistência à violência do branco, entre outras. Este trabalho tem como objetivo discutir algumas das principais formas de representação da violência na ficção de Cuti, ou seja, em seus contos. Seus contos buscam fazer um retrato da sociedade e abordar situações vividas e enfrentadas diariamente pelos afrodescendentes. O autor busca

mostrar em seus textos sua visão de que o negro é um ser oprimido em uma sociedade racista, onde a cor da pele é motivo para humilhação, suspeita ofensas e pode fazer com que vidas sejam liquidadas. A obra de Cuti parece querer dizer que o silêncio não é capaz de acabar com o racismo, e por isso, o tema deve ser colocado em pauta e ser amplamente discutido.

O caçador Erinlé: a marcação da realidade nos contos infantis africanos e afro-brasileiros

José Robson Custódio/UFPR.

Muitas ideias são absorvidas a partir da massificação literária ampla e adulta, que dificilmente dão espaço para um público diferente. A literatura infantil ainda é muito desprezada por muitos críticos e são postas em um espaço irregular aos leitores. Já as temáticas africanas são vistas em paralelo às outras culturas. No entanto, entender a realidade afro-brasileira a partir da literatura infantil é compreender e ajudar, sobretudo, um mundo voltado [e criado] para as crianças (e não delas). Esse trabalho visa discutir a absorção dessa realidade e a sua forma de repasse. Além disso, pretende apresentar um olhar analítico sobre a construção de uma identidade negra adaptada para os aspectos infantis. Erinlé foi escolhido para base desse trabalho, pois traz oito contos infantis sobre a cultura dos iorubás, que permitem discutir as lendas africanas postas na tangente das europeias, também por pertencer à lista do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Tendo esse olhar, é possível também repensar o currículo escolar que, mesmo sendo obrigatório, a partir da Lei 10.639/03, ainda enfrenta muitas dificuldades de ser inserido em sala de aula, nas disciplinas curriculares. De que forma trabalhar essas lendas, em uma obra infantil, ajudar aos profissionais no discernimento quanto à diversidade cultural. Seus recursos gráficos e uma narrativa curta é um dos pontos a serem abordados nesse artigo.

Isaias Caminha e a Túnica de Nessus da Sociedade: ensaio sobre a crise de consciência de um anti-herói mulato.

Jules Ventura Silva/UFPR

Na presente comunicação pretendemos problematizar a crise de consciência de Isaias Caminha, autor fictício do romance homônimo (1909-1916) do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e a quem o último acusou de estar vestindo Túnica de Nessus da Sociedade: a vestimenta amaldiçoada responsável por matar Hércules, segundo a mitologia grega. Isaias é um homem mulato que aderira um projeto de branqueamento para ascender socialmente, mas que chega ao meio da vida lamentando o fato de não ter podido oferecer resistência à sociedade que lhe ferira a tal ponto de lhe tirar o gosto pela vida. Em razão disso ele resolve realizar um projeto político-literário imbuído de uma função duplamente redentora, pois, ao mesmo tempo individual e coletiva, através do qual denuncia o preconceito de cor que sofria ele e os seus irmãos na mesma dor. Entretanto, ele e sua obra seguiriam caminhos diversos, pois Isaias continuaria sua trajetória de ascensão, esquecendo-se de seu opúsculo e o entregando a Barreto que se encarregara de publicá-lo. Buscando compreender o sentido do heroísmo e do anti-heroísmo desse personagem barretiano e sua relação com a feitura da obra em questão, propomos aqui revisita-la. Isso para promover uma interpretação de tal romance onde ressaltamos as questões relacionadas ao drama vivenciado pelo personagem enquanto um mulato letrado no mundo dos brancos.

Teatro Negro no Brasil: uma cena em sombras

Leda Maria Martins/UFMG

Apresentar breve reflexão sobre o negro no teatro brasileiro, destacando o papel do Teatro Experimental do Negro, nos anos 40 do século XX, assim como os novos aportes e iniciativas atuais. Figuratização da persona negra, auto representação, o cenário social e a cena teatral, inovações na escritura dramática e na escritura cênica, a cultura como matriz performática e filosófica e a negrura como episteme serão alguns dos tópicos abordados.

Vozes Negras no Romance Hispano-americano

Liliam Ramos da Silva/UFRGS

A pesquisa objetiva investigar nos romances de escritores hispano-americanos personagens negros protagonistas e analisá-los a) com relação às suas atitudes e perspectivas na sociedade escravocrata, b) de que maneira (re) escrevem as histórias da escravidão nas Américas sob seu ponto de enunciação e c) como se apresentam os vestígios, as memórias da cultura afrodescendente nos romances. Estudos sobre a questão hispano-afro-descendente afirmam que o negro em terras hispânicas praticamente não teve destaque nos estudos identitários. De acordo com as pesquisas, as primeiras novelas antiescravistas cubanas do século XIX não tinham a preocupação de mostrar nenhum tipo de rebeldia ou resistência; pelo contrário, sugeriam que este escravo não tinha o desejo de liberdade e aceitava passivamente seu destino. Percebe-se, então, a representação estereotipada do negro submisso à estética do branco/ocidental, que deseja “copiar” essa cultura e tornar-se igual a este sujeito superior: para isso, aceita a condição inferior que lhe é atribuída. O personagem aparece, na literatura, muitas vezes como dócil, tranquilo, submisso e resignado à sua sorte. A partir do século XX, com a chegada das teorias pós-colonialistas e suas concepções de resgate de histórias silenciadas e/ou esquecidas, alguns escritores latino-americanos começam a preocupar-se com a questão do negro em terras hispânicas e as características destes personagens são modificadas, passando a apresentarem-se subversivos e indignados com sua situação, rebelando-se contra a dominação e lutando por sua liberdade e a de seus companheiros. Já o século XXI aprofundará as relações dos afrodescendentes em seus novos (ou velhos?) lugares de enunciação: a periferia. São discutidos conceitos como romance hispano-americano, identidade, alteridade, negritude, mito, memória, história/nova história, ficção, deslocamentos, transculturação.

Relações coloniais entre a Europa e a América: do Atlântico negro ao Atlântico pardo

Mail Marques de Azevedo/UFPR

A palestra estabelece um diálogo entre a literatura negra da ibero-América, o *Atlântico Pardo*, e a literatura afro do continente norte-americano, o *Atlântico Negro*, a conhecida construção articulada por Paul Gilroy. Após breve contraponto entre esta última e o conceito de Atlântico Pardo, expresso pelo antropólogo português Miguel Vale de Almeida, aborda-se uma questão primordial da literatura entre os povos da diáspora negra, o “ser” negro ou *the fact of blackness*, como observa Frantz Fanon. A negrura da pele como sinal indelével de alteridade gera questões de identidade e, como corolário, a busca da libertação de liames psicológicos, intelectuais e emocionais por meio da literatura confessional.. Como exemplo de aplicação, faz-se análise comparativa de relatos autobiográficos de Maya Angelou e Geni Guimarães.

O negro na cena literária brasileira afro-brasileira.

Maria Nazareth Soares Fonseca/PUCMINAS

Neste trabalho, são discutidas representações de negro e de negrura no imaginário cultural do Brasil, destacando-se aspectos que indicam a permanência, na sociedade brasileira, de estereótipos e preconceitos herdados do sistema escravocrata. Procura-se registrar que o sistema escravocrata, ao coisificar os africanos escravizados, reconheceu-os somente como força de trabalho, destituindo o seu corpo de uma história que os legitimava como pertencentes a diferentes locais de cultura. Aprisionando o corpo dos escravizados em condição que legitimavam o seu uso como ferramenta e como propriedade exclusiva de quem pagou por sua força de trabalho, a condição escrava distende-se para a cor da pele e para os atributos que configuram um corpo a ser consumido pelo trabalho. A partir desse processo de transmutação sógnica, os africanos tornaram-se negros e as diferentes culturas a que pertenciam desapareceram no imaginário escravocrata, soterradas pelo interesse cada vez maior pelo trabalho que foram obrigados a assumir no Brasil. As variações semânticas que o termo escravo assume na sociedade escravocrata e suas repercussões nas representações literárias do

(s) escravo(a) serão discutidas, neste texto, sobretudo a partir de romances como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *A casa da água*, de Antônio Olinto e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.

El gobernador negro e as marcas da formação nacional do Equador em tempos de escravatura.

Natã do Espírito Santos/UFPR

El gobernador Negro, de Marcela Costales Peñaherrera, do Equador, narra a história de um negro africano, escravizado por senhor espanhol, criado em sua casa e posteriormente enviado à América do Sul. Por razões diversas, o ex-escravo rebela-se contra o domínio de seu senhor e estabelece seu reinado, tornando-se o primeiro governador negro reconhecido pela coroa espanhola. Don Alonso de Illescas caracteriza-se como um dos forjadores da pátria equatoriana com valores de rebeldia e coragem que soube assumir em sua vida o fervor da liberdade e a ânsia de construir um país soberano, opondo-se à vergonha de origem e a opressão. A história do ex-escravo Alonso de Illescas mostra por rumos incertos as possibilidades de uma expressão pessoal a fim de construir uma história pessoal e nacional a despeito de todas as possibilidades de fracasso e opressão permanente em ambientes e relações hostis, a começar pelo novo ambiente quando chega à nova terra e a partir daí forma a nova ordem de valores pautados em uma ética construída ao longo de sua vida. Alonso de Illescas constrói do nada um império que chega a ameaçar o governo espanhol, a ponto de o rei nomeá-lo governador, aceito inicialmente e rejeitado posteriormente.

Existe / existiu uma língua de negro?

Odete Pereira da Silva MENON/UFPR-CNPq

Tendo chegado à “língua de negro” em razão de minhas leituras para dar conta do processo de gramaticalização *vossa mercê* > *você* > *cê*, fui constatando o pouco conhecimento que temos das manifestações linguísticas dos negros em textos escritos. Ao compulsar textos antigos, de diferentes épocas, encontrei personagens negras: em peças teatrais, tanto do teatro “maior”, mais clássico, quanto do chamado teatro “menor”, caracterizado sobretudo pelos *entremeses* (peças curtas, com libreto de oito a doze páginas, em média, apresentados inicialmente nos intervalos das grandes apresentações teatrais ou das óperas, mas que passaram a constituir apresentações de “per si”, como informa VEIGA (ca. 1605). Somando esses achados aos autos vicentinos e às manifestações em verso do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1516), pude verificar que há muito o que fazer nessa área. Porém, não existem muitos estudos que enfoquem a língua de negros, tratando dos aspectos propriamente linguísticos. Uma exceção seja feita a Paul Teyssier, que dedicou um capítulo ao assunto na sua obra sobre Gil Vicente (1959): “Mouros, negros e ciganos”. No Brasil, Raimundo (1933, que Teyssier não cita), realizou um levantamento de fenômenos linguísticos na boca de personagens negras. Outros estudos se dedicaram ao negro na literatura brasileira, mas com um enfoque sobretudo crítico-literário. Entretanto, são obras editadas há muito tempo e de desconhecimento geral, como as dos americanos Sayers (1968) e Rabassa (1965). Assim, e a partir da análise da tradução brasileira de “E o vento levou...”, fui coletando materiais, antigos e modernos, com o objetivo de tentar descrever o que seja/tenha sido “língua de negro” para discutir se o que é apresentado na literatura constitui, realmente, uma variedade distinta de português ou se se trata da reprodução de traços linguísticos comuns da língua, mas que seriam considerados pelos autores como sendo característicos de personagens negras.

Nicolás imaginando o negro.

Patrick Fernandes Rezende Ribeiro/UNICAMP

O presente estudo procura interpretar as imagens poéticas de três poemas do poeta cubano Nicolás Guillén que retratam o negro escrito: “Advinanzas”, “Canto Negro” e “Dos niños”, a partir de Gaston Bachelard, que defendia que um estudo da imagem poética emerge da consciência criadora como produto da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade, e que para isto é necessário associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética. Tenta-se aqui demonstrar que a dimensão poética nestes poemas exerce uma função estética emancipadora porque a realidade da imagem relatada neles é ultrapassada pelo imaginário. Logo, estas imagens nestes poemas de Nicolás Guillén superam a mera representação do negro regional e adquirindo e expressando uma cosmovisão dele mesmo, pois o poeta cubano buscou na simplicidade da imagem poética sempre nova um valor de intersubjetividade. Desta perspectiva, são também abordadas as noções poéticas do espaço, imaginação e matéria e poética do devaneio tentando mostrar como o poeta põe a liberdade no próprio corpo da linguagem. De tal modo que a sua poesia aparece então como um fenômeno da liberdade.

Do mito branco à verdade negra: a presença do negro como agente da história argentina ganha destaque no romance histórico Como vivido cien veces.

Phelipe de Lima Cerdeira/UFPR

É impossível não aludir a Facundo (1845), de Domingo Faustino Sarmiento, quando se delimita o ideal da identidade nacional argentino. Contra uma suposta barbárie, o escritor conseguiu alicerçar em seu país um imaginário de civilização muito distante da realidade de suas províncias. Durante décadas, a Argentina passou a se autodescrever por apenas uma fração dos seus fatos históricos, a partir de uma espécie de mecanismo de branqueamento da população que deixava, por isso, às margens tudo o que não referendava o orgulho europeu. Influenciados pelas aspirações de um modernismo tardio ou pós-modernas nas artes, na filosofia e na sociologia, os discursos tradicionais e os pilares, aparentemente feitos de concreto, passaram a ganhar

rachaduras. No que diz respeito à historiografia literária, ganha nova relevância a modalidade ficcional capaz de congrega o substrato literário com o histórico, permitindo uma (re) visitaçã e uma (re) elaboraçã do que até entã era dito como uma única verdade. É exatamente nesse contexto que a figura do negro sai da sombra para ganhar a luz. Senã como protagonistas, os indivíduos afro-argentinos ganham, cada vez mais, voz e relevância. Nesse sentido, o presente trabalho promove uma leitura da obra *Como vivido cien veces* (1995), valorizando como a escritora Cristina Bajo plasmou, anacronicamente, a relevância de personagens negros como porta-vozes da oralidade, da memória e da construçã de todo um país. Além da obra seminal de Georg Lukács sobre a compreensã do romance histórico enquanto modalidade narrativa, também servirã como pilares teóricos os textos *Buenos Aires negra. Identidad y Cultura* (2006) e *Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina* (2008). A leitura ainda propõe diáloco profícuo com críticos do âmbito hispano-americano, tais como Seymour Menton, Noé Jitrik, Célia Prieto Fernández e Mercedes Giuffré. Uma luz negra para revelar, ficcionalmente, a diversidade das terras do pampa.

Orixás, de Verger: a imagem da história

Priscila Lira/UFPR

Essa pesquisa busca fazer uma análise do livro *Orixás*, observando a importância que o projeto de Verger tem para a criaçã de um imaginário da cultura negra no Brasil, para tal, usaremos como alicerce reflexões feitas por Foucault, em *Arqueologia do Saber*, buscando pontos de encontro entre a estrutura proposta por Foucault e a criaçã, por meio da imagem e da narrativa criada por elas, de uma espécie de metaficçã historiográfica da imagem.

A episteme alterna do *Muntú* de Manuel Zapata Olivella.

Rodrigo Vasconcelos Machado/UFPR

Este estudo tem como objetivo investigar a episteme alterna do *Muntú* proposta pelo escritor afro-colombiano Manuel Zapata de Olivella (1920-2004). A partir da análise da antologia organizada por Alfonso Múnera, intitulada *Por los senderos de sus ancestros: textos escogidos- 1940/2000*, será verificado como o conceito da filosofia banto *Muntú*, a saber, irmandade entre vivos e mortos, configura a práxis ensaística de Zapata Olivella. Além disso, verificaremos como o *Muntú* possibilita uma nova maneira de propor a questão da mestiçagem por Zapata Olivella, isto é, a partir da sabedoria dos ancestrais combinada com o mundo dos vivos, a família e o meio ambiente. Os postulados teóricos utilizados na pesquisa serão os propostos por Frantz Fanon no clássico *Piel negra, máscaras blancas* (2009) e de Paul Gilroy, *O Atlântico negro*.

Literatura afrouruguaia? Uma introdução ao tema.

Thiago Lisarte/UFPR

O principal intuito desta comunicação é apresentar algumas considerações a respeito da literatura uruguaia produzida por afrodescendentes nos séculos XIX e XX a partir da análise de poemas presentes na *Antología de poetas negros uruguayos* (1990), coletânea organizada por Alberto Britos Serrat. Ademais da leitura e estudo dos poemas, também estabelecerei algumas relações entre o texto literário e os dados biográficos de poetas – como Pilar Barrios e Juan Julio Arrascaeta – que se consagraram como nomes significativos do movimento negro neste período. Pretendo, assim, assinalar os aspectos inerentes a esta produção do ponto de vista literário e, também, sociocultural e político, visto que, neste caso, estas perspectivas são indissociáveis. Desta forma, tal análise – que se propõe introdutória e umbral – objetiva investigar questões basilares para a discussão do tema, dentre as quais cito: a) a especificidade e representatividade social

do movimento literário afro-brasileiro no contexto cultural do país; b) a contribuição dos escritores negros a fim de resgatar e valorizar o componente africano, legitimando-o enquanto manifestação cultural; e c) as motivações e demandas socioculturais que validaram a necessidade da busca, empreendida por estes poetas, por um espaço destinado à produção literária afrodescendente. Por fim, como referenciais teóricos imprescindíveis para a presente pesquisa, menciono AROCENA (2006), FANON (2008), HALL (2003), ROBERTS (2004) e SERRAT (1990), dentre outros.

Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta: Mulheres Destemidas e Batalhadoras do século XIX

Valéria Câmara da Silva/ Grupo *As poéticas Afro-latinas*-CNPQ

Enquanto muitas mulheres estavam trancadas em casa, dedicando-se a filhos, maridos e afazeres domésticos, algumas corajosas e audaciosas adentravam o mundo literário masculino brasileiro, abalando suas estruturas, perturbando a sociedade brasileira da época e registrando, expressivamente, em suas produções literárias femininas o inconformismo insurgente com o Brasil do século XIX. Entre essas bravas mulheres, destacamos Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta, mulheres notáveis e muito além de seu tempo que, em seus discursos e produções literárias, criticaram a educação privilegiada aos homens, denunciaram as injustiças impostas às mulheres, desmistificaram a supremacia masculina e defenderam a Abolição dos escravos, ilegitimando a violência da escravidão no Brasil. Numa época que, no universo letrado brasileiro, ecoavam vozes masculinas, Maria Firmina dos Reis, "Uma Maranhense", e Dionísia Gonçalves Pinto, "Nísia Floresta Brasileira Augusta", rompem a barreira do preconceito, do racismo e do machismo, levantam a bandeira do feminismo, da igualdade de condições e de direitos entre mulheres e homens, e, possibilitam novos horizontes para o negro e para a mulher brasileira. Com essa comunicação pretendemos propor um estudo comparativo entre essas importantes e pioneiras escritoras brasileiras, através de uma análise comparativa de suas obras: "Úrsula", "A Escrava", "Páginas de uma vida obscura" e "Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens", levando-se em consideração a contribuição literária das mesmas que, através de suas autoras, podem nos auxiliar a compreender, por intermédio dessas produções, a sociedade brasileira contemporânea.